

## *ALCORPO- sonoridades que interditam o ato.*

**Tatiana Carvalho Assadi**

Um sepultamento era o que estava sendo composto diante da estória de vida daquela garotinha de apenas 11 anos de idade que acabara de firmar um pacto com o diabo. Um corpo morto, deslibidinizado.

Embebida pela letra da música Anticristo do conjunto de rock metálico Sepultura, atuava seus ensinamentos como se fosse uma bíblia satânica. Simultaneamente era a melodia proposta pela canção que a encorajava a rasgar sua carne e beber seu sangue, atestando assim, seu corpo como pagamento ao Pai- Lucifer.

Tudo começou quando pequena, via vultos e escutava vozes de pessoas que riam dela o tempo todo.

As pessoas acreditavam que era algo referido a algum tipo de possessão, assim recorreram a diversas crenças religiosas buscando um alívio para este mal estar. Anos passaram-se e as vozes foram sendo entificadas na figura de uma menina pequena e de um homem muito bravo. Até que durante o período do ensino fundamental fez uma amizade com uma garota que se auto- intitulava Emo. A menina agia como um Emo melancólico ( era essa a denominação) embora se vestisse como um Emo feliz e fumava e transava com quem queria- homens ou mulheres. Seu contato com ela foi aumentando e dois episódios ocorridos dentro do banheiro da escola marcaram suas escolhas posteriores, se é que de fato posso falar de escolha, ao menos decidida não foi. A primeira cena ocorreu quando ela e a amiga entraram no banheiro feminino e após algumas carícias se beijaram.

A segunda, tempos depois, foi quando prepararam um ritual satânico, com velas, oferendas, fumo, música e tesoura para firmarem um compromisso com o Diabo. Após o ritual, cortaram seus pulsos, ligando-se pelo sangue derramado e incorporaram seus próprios líquidos, assim estariam elas ligadas para sempre e entregaram finalmente suas almas ao Pai- Lúcifer.

Não pude deixar de pensar imediatamente no brilhante texto de Freud- " Uma neurose demoníaca do século XVII(1923)". O que me chamava a atenção era que Clarissa ( esta adolescente) bem como o pintor Christoph Haizmann, ofereceram suas almas ao diabo, mas em nenhum momento mencionavam o que o teriam em troca. Apenas comprometeram-se...

O Diabo era pensado na Idade Média como uma alteridade, as doenças inexplicáveis, sem suposição sequer eram consideradas como possessões . Freud faz um paralelismo entre as histeria hipocondríaca do século XX e a neurose demoníaca dos séculos XVI e XVII. Aquilo que foi o grande enigma para Freud e demais médicos e psicanalistas de seu tempo, marcando um conflito entre o ego e o id, antes poderia ser chamada de fraude ou de melancolia. Lembremos as místicas medievais e os stigmatas produzidos em seus corpos como uma remontagem das marcas de sofrimento de Cristo diante de sua Paixão. Os corpos eram marcados, feridos, machucados em uma reprodução mimética, mística e de tradição crista. O corpo " stigmatizado " ( de estigma e de morte- stigma, mata) foi transformado no corpo da histérica. O primeiro encarnava a verdade que faltava no rito divino , o segundo produzia como que um falso saber, deslocando a verdade para um mestre que a encarne. O primeiro apontava para as verdades místicas, encarnado, corpo mudo, lugar

onde o sujeito não fala, mas testemunha na carne a verdade sobre sua experiência. O segundo endereçando a verdade da histórica, como uma falso- saber sobre o corpo, lugar indissociável entre saber médico e o psicanalítico. Contudo, as duas representações tomam o corpo como prova da verdade. Mas, que verdade Clarissa denuncia num corpo do século XXI com verdades também do século XVII? Fazer um pacto como prova da verdade?

Traçarei algumas considerações: o pacto firmado com o demônio colocaria em cena uma analogia freudiana de chofre. O diabo como substituto do pai. Ali, onde o pai manca o diabo surge: "Wo Es war, soll Ich werden".

Diante de uma novela Edípica onde as funções não se sustentam, o pai presidiário - matou uma pessoa após um assalto a banco e a mãe uma mulher "vulgar" que confessa suas aventuras sexuais para a filha; ambos apaixonados eternos, no entanto destituidores um do outro- assim, ali onde o cuidado deveria advir, surge o desamparo, ali onde a lei deveria intervir surge o proibido.

Vultos, vozes, noites mal dormidas, comprimidos antipsicóticos, desposessão demoníaca, despachos, são as recorrências para salvar a alma de Clarissa do demônio. No entanto, seu corpo também está perdido. Corta os pulsos, os braços, as pernas, os lábios. Em princípio bebia o sangue reatualizando o pacto, posteriormente bebeu o sangue porque estava viciada em seu gosto. Daí para frente, o corpo do Sepultura, transforma-se em um corpo vivo, retalhado, corpo sem rosto, marcado por atos destruidores.

Assim foi como Clarissa chegou às entrevistas preliminares à análise. Anunciava no início um Anticristo que ...

" nascido no inferno

Força suprema do Mal

Para destruir o altar

E assassinar os cristãos"

Chegou cortada, machucada, dilacerada pela demanda à Lúcifer, contra todos e contra tudo, uma toda demanda.

Após o trabalho das entrevistas que versaram, sobretudo, na letra da musica do grupo Sepultura, de fato, um sepultamento foi sendo feito. Ela enterrava dia a dia, tempo a tempo os demônios que a assombravam e, ao mesmo tempo, soltava aqueles que mostravam o mais assustador de si mesma.

Dos demônios destruidores à destruição dos demônios, Clarissa introduziu outro grupo de rock metal e, em particular uma de suas produções: a música Psychosocial da banda Slipknot. Bem, para quem não conhece este grupo de rock pauleira, metálica, surgiu por volta dos anos 90 na Inglaterra. Durante suas apresentações seus participantes vestem-se como trabalhadores fabris e cada qual tampa seu rosto com uma mascara. Jamais o rosto é mostrado.

Clarissa elegera esta musica para se representar. Saiu atuando, transava com homens e ou mulheres, fumava, bebia, xingava os parentes e queria sempre " impressionar, causar". Demandava os olhares dos outros a cada momento. Contudo, quando não obtinha resposta para sua demanda, arrependia-se do que fez e se cortava. Imediatamente arrependia-se de ter se cortado e se cortava mais ainda.

Entre vultos, vozes, noites procurava fazer coisas que convocassem seu arrependimento como uma justificativa para seus cortes. É uma cena da Paixão, não de Cristo, mas de seu corpo.

Diria que aqui temos um estreitamento de seu ato e de seu desejo. À pergunta **Que vuoi?** A resposta é que vuoi!! Neste pacto entre ato e desejo o sujeito num primeiro tempo, do Sepultura, está em exterioridade à sua alma, como um A; num segundo tempo, do Slipknot, o sujeito está em exterioridade ao seu corpo, como resto, resíduo de si mesmo.

Da destruição do mundo passou para a destruição de si. Depois de um verdadeiro encontro com a letra da música Psychosocial a entrada nas entrevistas foi transformada em saída e, simultaneamente em entrada. Me explico.

Aquela foi a primeira vez que ouvi falar deste grupo de rock. Slipknot era desconhecido para mim e, ainda, achava estranho que Clarissa trouxesse versos desta música falando de destruição visto que o nome do grupo Homofonicamente endereçava à Sleep- knot era algo como dormir e nó- seria uma laço que amarrava na hora de dormir? Mas, o que justificava os atos agressivos?

Apostei em minha ignorância e intervi- -Dormir quando, se o interessante é destruir e, para tanto, é preciso acordar. Sleep for what?

E, ao fazer esta intervenção equivoco duplamente, na escrita do nome do grupo que é Slip ( com i) e não Sleep ( com dois es) e também na escrita do What. Ao invés de dizer for what, digo: for war? Sleep for war?

Clarissa cai na risada e diz: - Slipknot: é um nó violento, forte. Mas o nome da banda é para dizer também: SLEEP NOT- NÃO DURMA!

Lacan em L ' etourdit( 1972) trabalha a equivocidade da interpretação baseada na lógica, na homofonia e na gramática. Slipknot ou sleep not, homofônico.....

Bem, a partir deste corte abriu-se algo que evidenciava uma outra parte da letra psychossocial que não havia surgido até então, vamos a ela:

" eu fiz o que pude, e quero sair"

Em outro verso: " eu terminei! E isso começou, eu não sou o único"

E ainda, " agora só existe o vazio, queime a própria ameaça".

E foi assim, que Clarissa pela entrada em análise, fim das entrevistas, chegou as consequências de seus atos e de sua fala: isso me causa, sem mim! Se foi o fim da análise não o sei, mas um fim, certamente se abriu para um recomeço. Um não-todo, mais ainda....

Num primeiro tempo uma alma sem corpo, entregue ao Diabo; em um segundo tempo um corpo sem alma, cortado, ferido. Entrada e percurso analítico. Em um terceiro tempo, ela cria uma palavra para dizer do seu corpo e de sua alma- ALCORPO- há algo do corpo, vai para o corpo, al- COR-pô.

Um endereçamento ao fim. Corte do ritmo que persistia insistente e produção de uma nova melodia! A palavra melodia vem do grego: canção, canto, coral. Uma sucessão coerente de sons e silêncios numa seqüência linear com identidade própria.

E para falar dos fins, remeto vocês a um momento particular da apresentação do Grupo de dança Corpo, um grupo brasileiro . O espetáculo da temporada 2011 chama-se Sem mim. Ali acontece uma apresentação das " cantigas de amigo" do cancionero galego- português. "Nelas o poeta fala, seguindo a técnica paralelistica, pelas moças que esperam ou buscam o amado, confidenciando ora com o mar, com a mãe, com as amigas. O desejo de se banhar nas ondas surge à flor de uma sensualidade oscilante entre o segredo e a fraqueza". Assim é a apresentação deste Corpo. O poeta fala através da voz dos outros, o mar ocupa as vezes de A e o segredo e a fraqueza pairam no ar. Sem mim, fala deste desencontro consigo mesmo, encontro jamais antes produzido com quem quer que seja. Sem mim denuncia a beleza, o horror, a presença e a ausência, o corpo e a alma.

Sem mim é Clarissa. Da alma entregue ao Diabo, um corpo morto,-Sepultura à um corpo vivo, numa alma morta, Slipknot - dormir e nó. Dominó- este é o efeito em cadeia que a adolescente produz. Cabe agora, do dormir resgatar seus sonhos e escutar o inconsciente Freud-Laciano conduzindo do corpo- alma cartesiano ao corp'alma moebiano- ALCORPO. Da quebra da frequência de repetição do fenômeno de marcação corporal- seu ritmo à sua melodia- ALCORPO.

Referencias bibliográficas:

ASSADI, T. C. (2011). A-pelLe. In A pele como litoral: psicanálise e medicina. Org. Heloisa Ramirez e Tatiana Assadi. São Paulo, Editora Anna Blume.

ASSADI, T. C. DUNKER (2004), C. I. L. Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise. Psychê, ano VIII- n. 13, jan-jun/2004- p.85-100, São Paulo.

FREUD, S. (1989). Uma neurose demoníaca do século XIX. (1923). In Obras Completas. Editora Standard, Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1985). O Seminário: livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. (1954-55). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora.

\_\_\_\_\_. (1992). O seminário: livro 3: as psicoses. (1955-56). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora.

\_\_\_\_\_. (1998). Subversão do sujeito e dialético do desejo no inconsciente freudiano. (1960).

In Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

\_\_\_\_\_. (2003). Seminário da identificação. (1961-62). Publicação não comercial. Recife.

\_\_\_\_\_. (1985b). O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

(1964). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora.

\_\_\_\_\_. (1985). O seminário: livro XX: Mais, ainda. (1972-73). Jorge Zahar Editora, RJ.

\_\_\_\_\_. (2003). O aturdido (1972). In Outros Escritos. Jorge Zahar, RJ.

\_\_\_\_\_. (2003). Televisão. (1973) In Outros Escritos. Jorge Zahar Editora, RJ.

\_\_\_\_\_. (2006). RSI. (1975). Edição copiada. Não autorizada.

\_\_\_\_\_. (2007). O seminário: livro XXIII: O sintoma. (1975-76). Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. L'insu que sait de l'úne bévue s'aile à morre- (1975-76). Edição não autorizada.